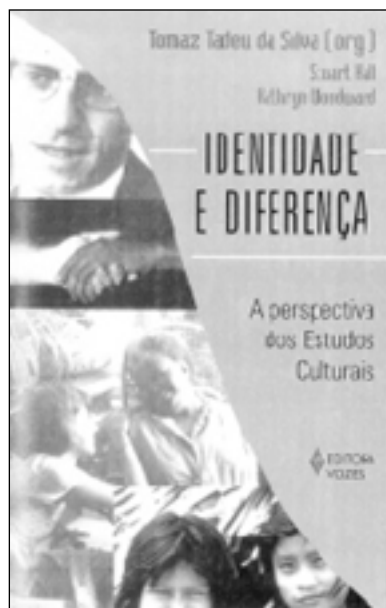


# PROBLEMATIZANDO E QUESTIONANDO A IDENTIDADE E A DIFERENÇA

Marlucy Alves Paraíso  
Professora de Currículos da Faculdade de Educação/  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

Autor já bastante conhecido por nós pelos seus diferentes trabalhos no campo do currículo, Tomaz Tadeu da Silva, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, organiza um livro que trata de questões centrais para nós envolvidos/as com a educação e o currículo: identidade e diferença. O livro é composto por três trabalhos que, a partir da perspectiva dos estudos culturais, problematizam as questões da identidade e da diferença.

No artigo que abre o livro – “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” –, Kathryn Woodward, professora da Open University, faz uma introdução clara e bastante elucidativa sobre os principais elementos que configuram a questão da identidade e da diferença. A autora passa

em revista as operações pelas quais a identidade e a diferença são definidas, tais como: a linguagem, os sistemas simbólicos, a representação (discutida de modo a ressaltar a relação entre cultura e significado) e a história.

Argumentando que “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade” (p. 39), ela lembra que “a diferença é marcada por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais, mas a exploração da diferença não nos diz por que as pessoas investem nas posições que elas investem nem por que existe esse investimento pessoal na identidade” (p. 54).

Essa constatação e a discussão feita pela autora em torno da questão: “por que investimos nas identidades?”, do meu ponto de vista, se constitui na parte mais original do trabalho, já que a autora explora as relações entre identidade e subjetividade e discute as dimensões psicanalíticas da identidade. Woodward defende que “o conceito de inconsciente aponta para uma outra dimensão da identidade, sugerindo um outro quadro teórico para se analisar algumas das razões pelas quais investimos em posições de identidade” (p. 67). É inegável que ela introduz aí uma questão importante que não se encontra resolvida na discussão da identidade no âmbito dos estudos culturais.

No artigo seguinte – “A produção social da identidade e da diferença” –, Tomaz Tadeu da Silva enfatiza a importância do processo de produção discursiva e social da diferença. Lem-

brando que as questões do multiculturalismo e da diferença tornaram-se, nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais, causa estranheza ao autor a ausência, nessas discussões, de uma teoria da identidade e da diferença. Para Silva, identidade e diferença são inseparáveis, mutuamente determinadas, interdependentes, e partilham uma importante característica: são o resultado de atos de criação lingüística e, por isso, estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem. E, se “a linguagem vacila”, “a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade” (p. 80).

Silva discute, também, a idéia de que identidade e diferença estão em estreita conexão com relações de poder. A normalização é considerada, por ele, como “um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença” (p. 83). O autor registra, no entanto, alguns movimentos que conspiram para subverter e complicar a identidade e que têm sido destacados pela teoria cultural contemporânea, tais como: diáspora, cruzamento de fronteiras, nomadismo e, de forma indireta, as metáforas da hibridização, da miscigenação, do sincretismo e do travestismo. O conceito de representação, na perspectiva dos estudos culturais, para ele, também permite questionar os sistemas de representação que dão suporte e sustentação à identidade e à diferença.

Já o conceito de “performatividade”, desenvolvido sobretudo pela teórica Judith Butler, permite, na visão de Silva, contornar o problema de se limitar a compreender a representação de uma forma puramente descritiva já que, esse conceito, “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para a idéia de ‘tornar-se’, para a concepção da identidade como movimento e transformação” (p. 92). Complementar a esse conceito é a idéia de “citacionalidade” da linguagem – idéia de que a escrita é repetível –, desenvolvida por Derrida. Para Silva, é essa possibilidade da repetição ser interrompida, questionada e contestada, de “efetuar uma parada no processo de ‘citacionalidade’ que caracteriza os atos performáticos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades” (pp. 95-6).

Silva escreve, no final do artigo, sobre a “pedagogia como diferença” e argumenta em favor de uma estratégia pedagógica e curricular de abordagem da identidade e da diferença que leve em conta precisamente as contribuições da teoria cultural recente, sobretudo aquela de inspiração pós-estruturalista.

Stuart Hall, conhecido teórico dos estudos culturais – no artigo que fecha o livro, intitulado: “Quem precisa da identidade?” –, concentra-se na discussão da problemática da formação da identidade e da subjetividade. Se pode provocar estranheza, à primeira vista, como em mim provocou, a evocação de autores de registros tão distintos como Freud, Lacan, Foucault e Althusser, os leitores poderão conferir, mais uma vez, a habilidade de Hall em utilizar a teoria social e cultural contemporânea para pensar a condição da sociedade e da cultura na atualidade.

Identidade ou identificação? O autor assim inicia essa discussão. Ele resgata o legado semântico do conceito de identificação, herdado pelo seu uso psicanalítico (especialmente) de Freud, para “indicar os novos significados que o termo está agora recebendo” (p. 108).

Em concordância com os outros dois trabalhos do livro, Hall também considera que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Considerando, pois, as identidades como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (p. 112), Hall faz uma tentativa de começar a responder a um conjunto de ques-

tões perturbadoras sobre a identidade, especialmente à pergunta “por que acabamos preenchendo as posições-de-sujeito para as quais somos convocados?”.

Buscando compreensões tanto no repertório discursivo como no psicanalítico, sem se limitar a nenhum deles, Hall discute essa questão que parece central e não suficientemente entendida nas discussões sobre a identidade. As explicações sobre a formação da subjetividade de Lacan são evocadas e são citados o que o autor chama de “indicadores úteis para nos tirar do impasse no qual, sob os efeitos do ‘Lacan de Althusser’, essa discussão nos tinha deixado, quando víamos as meadas do psíquico e do discursivo escorregar de nossas mãos” (p. 119).

Hall considera a crítica feita à construção do sujeito, na perspectiva arqueológica do trabalho de Foucault – os discursos constroem, por meio de suas regras de formação e de suas modalidades de enunciação, posições-de-sujeito – justificada; já que “eles dão uma descrição formal da construção de posições-de-sujeito no interior do discurso, revelando muito pouco, em troca, sobre as razões pelas quais os indivíduos ocupam certas posições-de-sujeito e não outras” (p. 120). Sua crítica mais contundente ao trabalho de Foucault é que “ele leva a uma superestimação da eficácia do poder disciplinar e a uma compreensão empobrecida do indivíduo, o que impede que se possa explicar as experiências que escapam ao terreno do ‘corpo dócil’” (p. 123). Para Hall, na tarefa de entender como os sujeitos são constituídos, Foucault foi impedido, pela sua própria crítica à psicanálise, de recorrer a uma das principais fontes de pensamento sobre esse aspecto. Nesse sentido é que ele considera que os trabalhos de Judith Butler, por reunirem num único quadro analítico concepções foucaultianas e perspectivas psicanalíticas, estão abrindo possibilidades de análises muito produtivas.

Hall finaliza seu artigo argumentando que “a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a suturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos” (p. 130).

Vê-se, portanto, que as questões tratadas nesse livro são atuais e instigantes para o campo educacional e curricular. Ele trata as questões da identidade e da diferença de um ponto de vista novo, oxigenando o pensamento sobre o tema com diferentes idéias da teoria social e cultural contemporânea. Como vivemos num contexto político em que o discurso educacional fala tanto em diversidade cultural e currículo multicultural, um livro, como esse, que não simplesmente celebra a identidade e a diferença, mas sobretudo problematiza-as, torna-se de grande importância para as pessoas envolvidas com a educação e o currículo. É certo que temos aqui um campo a ser explorado entre nós. Afinal, o livro apresenta problemas sobre o tema em questão, chama a atenção para os mesmos, deixando o caminho aberto para novas explorações e estudos.